



**Experiências e percepções:
relatos sobre vivências das
mulheres negras na cidade
de Maceió-AL**

Experiences and perceptions:
reports about experiences of black
women from Maceió-AL

Mayara Almeida de Paula¹

¹ Arquiteta e Urbanista pela Universidade Federal de Alagoas.
Mestranda do Programa de Pós-graduação em Arquitetura e
Urbanismo da Universidade Federal da Bahia.

Resumo: Entendendo que as demandas das mulheres negras são comumente negligenciadas no ato de pensar as políticas públicas e as cidades, o presente artigo visa, a partir de fragmentos de entrevistas realizadas com cinco mulheres negras moradoras da cidade de Maceió, em Alagoas, trazer reflexões e contribuir no debate a respeito das experiências que esse grupo social tem da cidade, compreendendo que suas vidas são marcadas por relações patriarcais e racistas que estruturam a lógica de ocupação e de vivência das mais variadas dinâmicas urbanas. E a partir dos relatos é perceptível que suas necessidades, se consideradas, têm o potencial de construir cidades democráticas que atendam de forma eficaz às demandas de toda a população.

Palavras-chave: cidade; mulheres negras; planejamento urbano

Abstract: Understanding that the demands of black women are neglected in the act of thinking of public policies and cities, this article aims, from fragments of interviews with black women that live in the city of Maceió, Alagoas, Brazil, to bring reflections and contributions on the debate about experiences that this social group have in the city, understanding that their lives are marked by patriarchal and racist relations that structure the logic of occupation and living of the most varied urban dynamics. And, from their reports, their needs, if considered, have the potential to build democratic cities and become effective for the demands of the entire population.

Key words: city; black women; urban planning

1. INTRODUÇÃO AOS FATOS

Em 1851, Sojourner Truth, abolicionista afro-americana e defensora dos direitos das mulheres, proferia o discurso² que se tornaria referência no que diz respeito às muitas das questões vivenciadas por mulheres negras:

Aquele homem ali diz que é preciso ajudar as mulheres a subir numa carruagem, é preciso carregar elas quando atravessam um lamaçal e elas devem ocupar sempre os melhores lugares. Nunca ninguém me ajuda a subir numa carruagem, a passar por cima da lama ou me cede o melhor lugar! E não sou uma mulher? Olhem para mim! Olhem para meu braço! Eu capinei, eu plantei, juntei palha nos celeiros e homem nenhum conseguiu me superar! E não sou uma mulher? Eu consegui trabalhar e comer tanto quanto um homem – quando tinha o que comer – e também aguentei as chicotadas! E não sou uma mulher? Pari cinco filhos e a maioria deles foi vendida como escravos. Quando manifestei minha dor de mãe, ninguém, a não ser Jesus, me ouviu! E não sou uma mulher?
[...] Se a primeira mulher que Deus criou foi suficientemente forte para, sozinha, virar o mundo de cabeça para baixo, então todas as mulheres, juntas, conseguirão mudar a situação e pôr novamente o mundo de cabeça para cima! E agora elas estão pedindo para fazer isto. É melhor que os homens não se metam (TRUTH, 2009).

Seu discurso evidenciava especificidades experienciadas pelas mulheres negras que, ainda hoje, ocorrem. Sua narrativa enunciava opressões advindas de seu gênero e raça, disparidades que estruturam a sociedade ainda como a vemos atualmente. E é a partir de algumas narrativas e da compreensão das desigualdades que este artigo se desenvolve. Tendo como recorte de análise a cidade de Maceió, no estado de Alagoas, nordeste brasileiro, analisaremos as disparidades vivenciadas por mulheres negras que, dadas as devidas proporções, expandem-se ao contexto brasileiro como um todo.



Figura 1. localização da cidade de Maceió

Fonte: produzido pela autora, 2018

2 Discurso proferido na Women's Rights Convention, em Ohio, Estados Unidos.

A população negra maceioense chega a quase 62%. Desse percentual, mais da metade é de mulheres. São 52% de mulheres negras quando comparadas aos homens negros, as quais representam 32% da população total³. São, portanto, maioria quando comparadas aos homens, tanto negros quanto não-negros, e mulheres não-negras. Sendo assim, pensar o bem viver e as cidades incluindo as perspectivas desse grupo social é, impreterivelmente, necessário. Para tanto, é preciso que se façam ouvidas as demandas de maneira que o planejamento urbano possa se fazer inclusivo e, conseqüentemente, democrático, uma vez que, em espaços de poder, a população negra, principalmente de mulheres, é geralmente subrepresentada⁴.

As tantas desigualdades vividas pela população negra explicitam-se também na forma de ocupação da cidade. Advindas de uma estrutura racista e patriarcalista, as relações sociais influenciam diretamente as dinâmicas de vida urbana da população negra e, em especial, das mulheres negras. De um lado, têm-se a constante tentativa de inferiorização e dominação das pessoas negras originadas de um regime escravocrata e, de outro, a obliteração das mulheres.

A herança da escravidão não deixou cicatrizes apenas nos corpos e espíritos. Marcas da violência colonial estão impressas na carne das cidades brasileiras e de todo o Sul geopolítico. Nesse contexto, raça, classe e gênero incidem simultaneamente para impor o lugar sociopolítico da pessoa negra. As cidades exprimem os conflitos e desigualdades da produção do espaço, ao mesmo tempo em que os acirram e (re)produzem. Isso já era evidente na gênese oitocentista do urbanismo, cuja perspectiva higienista marginalizou populações estigmatizadas, sob a falsa neutralidade da técnica. Atuando como saber ou disciplina de esquadrinhamento e controle, o urbanismo colabora para aprofundar a segregação socioespacial, que é igualmente, étnico-racial. Flagrantemente eurocentrado, ele tem ignorado o impacto do racismo nas principais decisões geopolíticas num quadro de desenvolvimento geográfico desigual e de globalização conflitiva (BERTH, et al., 2016, [s.p.]).

Essas iniquidades são, por exemplo, evidenciadas pela nítida e óbvia segregação social nos locais e condições de moradia, nas oportunidades de estudo e trabalho ofertadas nos bairros de diferentes classes sociais, na mobilidade, na infraestrutura ofertada por localidade e na ocupação e permanência [ou não] em determinados espaços da cidade, nos possibilitando constatar que:

3 IBGE. Censo demográfico, 2000-2010. Disponível em: <<https://sidra.ibge.gov.br/tabela/3175>>. Acesso em: 19 jul 2019.

4 Em pesquisa nacional realizada pela Folha de São Paulo (2015), constatou-se que, dentre as denominadas elites profissionais (acadêmicos, CEOs, atores, músicos eruditos, médicos e políticos no geral), negras e negros são minoria, representando apenas 18% dos cargos de destaque.

À medida que as mulheres são as principais responsáveis pelos trabalhos referentes à esfera da reprodução, o trabalho doméstico e de cuidados, são elas as maiores prejudicadas pela precariedade dos serviços públicos como luz, abastecimento de água, redes de esgoto, drenagem, coleta de lixo e pela precariedade ou inexistência de equipamentos públicos comunitários como creches, escolas, lavanderias, cozinhas comunitárias. Conforme diminui a presença do Estado nos bairros e vilas mais pobres, aumenta a carga social assumida pelas mulheres nesses mesmos lugares. Assim, evidencia-se que as mulheres são mais afetadas pelas desigualdades socioterritoriais. Se nossas cidades são desiguais são diferentemente desiguais para homens e para mulheres. Em outras palavras: a pobreza urbana tem endereço, sexo e cor: mulheres, na maioria negras, chefes de família que moram nas periferias (GARCIA, 2017, [s.p.]).

A partir desses fatos e como ferramenta de análise dessas questões, serão utilizados fragmentos de entrevistas realizadas com cinco mulheres moradoras da cidade de Maceió. São elas: Ângela Maria, meteorologista e professora aposentada de 73 anos; Larissa Lima, estudante de psicologia de 23 anos; Maria Aparecida, filósofa e professora universitária, com 68 anos; Pâmela Nobre, estudante de pedagogia de 25 anos; e Vanda Menezes, formada em psicologia, policial civil e primeira secretária da mulher do país, com 59 anos. Um grupo focal de mulheres que, em algum ou muitos momentos de suas vidas, entrou ou ainda está em contato com as reivindicações de mulheres e da população negra, permitindo a compreensão de que as falas aqui apresentadas trazem com autossuficiência a tradução das experiências vivenciadas por tantas outras pessoas. Este artigo busca, afinal, centrar-se na relevância das narrativas que, para além dos conceitos e teorias, ilustram com alta propriedade os assuntos abordados.

As entrevistas, dadas de maneira fluida e guiadas muitas vezes pelas próprias entrevistadas de acordo com suas histórias de vida, basearam-se, principalmente, na relação que destas com a cidade, suas visões sobre as relações sociais, opressões raciais e de gênero, segregação socioespacial, e suas perspectivas sobre as possibilidades de melhorias no ato de planejar as cidades. Partindo desses relatos, portanto, o presente artigo visa discorrer a respeito das condições de vida das mulheres negras nas mais diversas esferas e das expectativas de cidades ideais no que se refere às suas demandas e particularidades, visando o bem viver e, assim, questionando se o atual planejamento da cidade, tal qual ele se dá, contempla suas necessidades.

2. BREVES HISTÓRIAS E PERSPECTIVAS SOBRE A CIDADE

A primeira pergunta realizada às entrevistadas, que dava abertura para diversas questões e desdobramentos era “o que é ser mulher negra em Maceió”. Nesse momento, as respostas variaram entre a pessoalidade e falas mais genéricas no sentido de pensar a população

negra como um todo e entre a restrição à cidade e à extensão da reflexão ao estado. Porém, todas relataram que é intrínseca à vivência da mulher negra o racismo e inseguranças e disparidades advindas da violência de gênero, questões melhor compreendidas através das respostas abaixo que carregam com propriedade a explicação, por experiências próprias, dos conceitos:

Eu vejo que a visão que a população tem da mulher negra, é diferente da mulher branca. Então, se ela é mulher, já é discriminada, e negra, a **discriminação** continua. [...] Então, embora ela tenha que transitar por toda a cidade, pelos lugares também mais difíceis e mais perigosos, né, ela tá mais afeita à **violência** (Ângela, em entrevista à autora, 2019).

Normalmente eu saberia responder essa pergunta. Se isso não fosse sobre mim, né. Saberla responder politicamente, historicamente... Mas Alagoas tem tido um outro sentimento pra mim, agora. Eu tenho consciência da história das mulheres negras em Alagoas, mas também sei que isso é uma parte pequena da população, enfim, Alagoas é um estado muito específico, assim, na história do Brasil. A gente teve dois **genocídios** muito grandes na população negra aqui e eu não lembro de outro estado que tenha tido dois massacres tão próximos que é a **destruição da Serra da Barriga**⁵ e o **Quebra de Xangô**⁶. Tá que assim, foram gerações depois, mas se for olhar a história do mundo, são dois genocídios muito próximos com a mesma população. E aí, eu faço psicologia, e tenho uma preocupação de como esse trauma e como essa violência, assim, **o aviso da violência**, é forte pra gente. Então a gente tá sempre com **medo** em Alagoas. Eu cresci com medo de tudo [...] Tem uma **questão de saúde mental mesmo**, assim, das pessoas negras em Maceió (Larissa, em entrevista à autora, 2019).

Então, Maceió, do tempo que eu cheguei pra cá cresceu muito... é uma cidade que ainda tem uma **disparidade** muito grande em relação às **classes sociais**, né. Nós temos um acentuado de população ainda em situação de **extrema vulnerabilidade**, que é a população negra [...] A sociedade continua muito discriminadora, muito racista. E com uma grande dificuldade, né. Porque o brasileiro não aceita ser racista, né. E quando a gente sofre, a gente vê os depoimentos, eu também já sofri **racismo** dentro da universidade, a universidade é também racista por conta de suas próprias contradições. Mas essas contradições deixam as brechas pra que a gente possa ressignificar os significados dessas contradições (Maria Aparecida, em entrevista à autora, 2019).

5 A Serra da Barriga “para cujas matas milhares de negros escravizados rebelados fugiram durante o período de dominação holandesa” está situada a cerca de 88km de Maceió, no município União dos Palmares. Foi onde se instalou o “maior, mais duradouro e mais organizado quilombo já implantado nas Américas” (Parque memorial Quilombo dos palmares, [entre 2010 e 2014]. Disponível em: <http://serradabarriga.palmares.gov.br/?page_id=101>. Acesso em: 10 ago 2019).

6 Conhecido como Quebra de Xangô, trata-se do ocorrido entre 1 e 2 de fevereiro de 1912, quando houve, em Maceió, a invasão e destruição de diversos terreiros de religiões afro-brasileiras e a perseguição, espancamento e prisão praticantes, configurando um grande ato de intolerância religiosa. (LUNA, 2011).

Os dois [racismo e machismo], pra mim, eles acabam se cruzando, sabe... principalmente quando, no caso, a mulher ela é sempre... tem uma questão da **invisibilidade da mulher negra**, né. Então ela acaba pegando bem mais forte que isso. Mas a cidade, o modo de vivenciar ela, é realmente a **exclusão em alguns espaços**, acho que pelo olhar... as pessoas se comunicam pelo olhar. Então, às vezes nem é necessário falar alguma coisa, mas você já percebe a maneira que te tratam, a maneira como se você realmente fosse invisível, como se não tivessem te vendo ali. Ou quando você, no caso, mulher, eles desconsideram (Pâmela, em entrevista à autora, 2019).

Nota-se que as respostas transitam entre as opressões demonstrando que, há nas histórias e nas experiências, o constante enfrentamento às violências, diretas e indiretas. Quando questionadas sobre sua visão da cidade e a existência ou não de uma segregação, algumas das respostas foram as seguintes:

Eu presto muita atenção. Há uma **segregação**? Há. [...] Porque as castas, elas conseguem sobreviver onde elas acharem que devem. A casta é isso. Ela se mantém onde ela resolve se manter e ela se fecha ali. O resto é **periferia**. Entendeu? Então, assim, qualquer lugar que eles resolvam, eles vão fazer isso [...] Quando eles não tiram você por um motivo, eles tiram por outro. Eles fazem um comércio. É todo dia alguém chegar aqui e me oferecer 2 milhões nessa casa quando eu sei que ela vale 800, 1 milhão [...] você cede. E essa segregação, ela não é percebida por quem é segregado. A maioria, ela não é percebida. Você simplesmente está. Ninguém percebe porque é que esses espaços são feitos lá longe, para os pobres ficarem [...] é a opção que sobra (Vanda, em entrevista à autora, 2019).

“Essa disparidade, essa categoria populacional, ela está na periferia, né. E por estar na periferia, não existem **políticas eficazes e eficientes, políticas públicas**, no tratamento das questões. Da **água**, do **esgoto**, da **geração de emprego e renda**. Então a população está determinada pra morrer (Maria Aparecida, em entrevista à autora, 2019).

Referindo-se à geomorfologia da cidade de Maceió onde os moradores localizam-se e referem-se uns aos outros, comumente, como os que habitam a parte alta da cidade (situada em um tabuleiro) e a parte baixa (nas planícies lagunar e marítima), Pâmela ilustra como a exclusão na cidade se dá, também, através da ocupação de cada uma dessas partes:

Pessoal exclui a parte alta da cidade. Eu considero que Maceió são duas cidades dentro de uma. É... a parte alta, que é a parte mais periférica, não tem tanto **acesso** à parte baixa, que é a parte mais turística, né. Acho que já pra esconder um pouco dessa outra Maceió, dessa outra realidade (Pâmela, em entrevista à autora, 2019).

Não se conhece a cidade. Então, às vezes vai ter uma oportunidade de emprego essa mulher. Pode ter uma oportunidade vida do outro lado da cidade, mas ela não tem **conexão** com a cidade, então... falando, assim, das mulheres, né, de Alagoas, que a gente consegue sobreviver (Larissa, em entrevista à autora, 2019).

Para além desses tantos percalços que incidem negativamente sobre a população majoritariamente negra, há de se considerar que as dificuldades intensificam-se ainda mais quando falamos das inseguranças e violências vivenciadas pelas mulheres negras, uma vez que as opressões são duplamente vivenciadas por esse grupo social. O genocídio legitimado da população negra, as diversas violências e violações aos seus corpos e os casos de feminicídio, por exemplo, são problemáticas que assolam diretamente essas mulheres. No Brasil, em 2017, 66% da violência letal às mulheres ocorreu contra mulheres negras⁷.

A juventude negra da cidade de Maceió, ela está morrendo. Eu digo que há um **genocídio da juventude negra** em Alagoas, especificamente, da cidade de Maceió. [...] O estado de Alagoas, diante de todos os dados, é um **estado feminicida**. Além disso, essas mulheres, elas não estão aqui no lugar que eu estou. Elas estão na periferia e ainda tendo que suportar a **dor da perda dos seus filhos**. Porque não existe uma **política de acompanhamento** para essas mulheres que perdem seus filhos [...] E, também, o maior contingente das mulheres que estão em **situação prisional**, são as mulheres negras. Então, há uma disparidade muito grande (Maria Aparecida, em entrevista à autora, 2019).

Muitas **evitam ocupar certos espaços** e de transitar à noite, ou depois de certo horário, sozinha. E isso dificulta porque cria um sistema de pânico, assim. As pessoas têm medo. As mulheres, principalmente, **têm medo, de andar sozinha à noite**, porque elas sabem que vão ser assediadas. E não é, elas acham... elas vão ser. Se acontecer de encontrar algum outro homem na rua, por ela estar sozinha, dependendo da roupa que ela está vestida, eles acham que se sentem no direito de colocar um medo sobre elas. Só a presença dele já causa isso. Justamente só porque é uma mulher. Então, tem muitas que não saem, dependendo... deixam de usar roupa que elas gostam... deixam de fazer coisas que elas gostam, que elas gostariam de vivenciar. Coisas que gostariam de estudar, lugares que gostariam de ir pra dançar, por conta do **assédio** (Pâmela, em entrevista à autora, 2019).

É necessário pensarmos na forma como essas tantas violências incidem sobre essas mulheres e nos tantos medos que decorrem dessas práticas influenciando nas inseguranças nos deslocamentos pela cidade, na escolha de trajetos, horários e espaços de permanência, como visto nos relatos. As problemáticas e demandas são diversas e há uma série de especificidades que vem sendo negligenciadas pelas práticas de planejamento atuais das cidades.

Os regulamentos tácitos existentes são definidos pelas questões de classe, sexo, sexualidade e raça que controla onde se mora, onde se trabalha, onde se utiliza o serviço médico, o horário e o local que pode ocupar a rua, como se anda nessa rua... Todos os espaços são,

7 Atlas da violência 2019. Organizadores: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo: Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada; Fórum Brasileiro de Segurança Pública.

de alguma forma, regulados socialmente. As normas estão tanto nos espaços privatizados-regulados pelo direito à propriedade privada e suas ferramentas, como shoppings centers que limitam ou intimidam grupos sociais de estarem ali, bares que não permitem o beijo entre duas pessoas do mesmo sexo e estão também nos espaços públicos, como praças, parques e ruas que excluem, que afastam, que utilizam da força policial, da violência e da legitimidade das ações do Estado para que a linha do ônibus da periferia para o centro seja cortada, ou a juventude negra seja constrangida e revistada nas praias, que o comércio informal, renda de grande parte das mulheres negras e periféricas, seja proibido e destruído pelo “rapa”, que ruas e avenidas de alta velocidade sejam construídas para servirem de muros entre as áreas de interesse e as marginalizadas (GARCIA, 2017, [s.p.]).

Sendo assim, planejar cidades e pensar em estratégias que busquem mitigar essas iniquidades faz-se de extrema urgência. Ainda, é pertinente ressaltar que ao desconsiderar a relevância das questões levantadas pelas entrevistadas, o planejamento urbano pode reforçar ainda mais as desigualdades e, portanto, influenciar diretamente na qualidade de vida de suas e seus habitantes.

3. DA UTOPIA ÀS POSSIBILIDADES

Ao final das entrevistas, uma última pergunta foi feita na qual foi incentivada a liberdade de deixar-se levar pelos sonhos e fugir da realidade já tão discutida durante as conversas. Foi perguntado às entrevistadas como deveria ser uma cidade ideal para suas filhas e/ou as futuras gerações viverem.

Poxa, eu queria uma cidade que a gente tivesse **tempo**. Mas que fosse um tempo que a gente faz as pazes com ele, sabe? Que não é o tédio. É tempo. De fazer as coisas que a gente quer fazer. Eu queria uma Maceió que desse isso a gente, assim... que não nos desgastasse com os obstáculos, sabe, assim... sair de casa e ir pro ponto de ônibus, pegar um ônibus e não sei o que... Queria que fosse uma **cidade que fluísse** [...] acho que tudo ia mudar se a gente tivesse um **sistema de transporte que realmente conectasse as pessoas**. Porque as pessoas de Maceió têm muitas ideias. A galera sabe muita coisa [...] Então eu queria Maceió pra minha filha que ela fosse pra **escola**, mas que ela fizesse uma atividade à tarde que ela gostasse, que eu ia ter tempo de fazer o rango dela também. Tempo. Tempo. Eu queria recuperar o tempo das pessoas conversarem, serem **saudáveis** mesmo. É isso (risos) (Larissa, em entrevista à autora, 2019).

Uma cidade ideal pra minha filha. Olha... eu queria que ela pudesse **usar bastante bicicleta**, de boa (risos). Se ela tivesse que usar o **transporte público**, pra **não se preocupar com questão do horário**. Que ela tivesse acesso às coisas perto, assim, mais básicas, principalmente a **saúde**, assim. Um hospital que eu soubesse que atenderia em caso de emergência perto... E a **escola que tivesse mais suporte**, assim, pro bairro, sabe? Que fizesse ela se sentir pertencente. E conseguisse compreender essas demandas deles. Acho que seria essa cidade mais, assim, que eu consigo planejar (risos) nesse momento. Sem preocupar com

saneamento básico. A questão da energia também, ter uma casa pra ela que ela conseguisse ter outros meios de **energias renováveis**, que não dependesse tanto de apenas um lugar. Eu acho que seria isso (risos) (Pâmela, em entrevista à autora, 2019).

Uma cidade ideal pra todo mundo, né. Porque quando a gente pensa em ideal, a gente pensa em abranger toda a população [...] porque a nossa teoria é essa, a nossa política é essa: a partir do momento que você começar a discutir o racismo, em que você começar a entender o que se passa com uma pessoa negra, então vai haver uma melhor **integração** entre negros e brancos e as pessoas não vão ser mais racistas [...] enquanto nosso povo não conhecer os fundamentos de ser negro, não vai rolar nenhuma cidade. Eles vão continuar matando negros, continuar achando que a mulher negra é objeto e cada dia tá mais difícil, viu... (Ângela, em entrevista à autora, 2019).

Uma cidade ideal pra mim, seria uma cidade, como diziam os gregos, seria uma Callipolis. E o que é uma Callipolis? É uma cidade **justa, bonita, solidária**. E pra que a gente consiga isso na sociedade brasileira, seria uma sociedade que fosse pautada nos princípios do **cuidado, da solidariedade, da responsabilidade e da ética**. Ou seja, uma **sociedade igualitária**. [...] E a gente sonha com uma sociedade igualitária, **sem racismo, sem homofobia, sem lesbofobia, sem transfobia**. Uma sociedade que todos e todas possam participar, efetivamente, dos processos sociais e políticos dessa sociedade. E que ela seja pautada no **bem viver**. [...] nós haveremos de resistir. E ir pra luta. Na busca de conservar aqueles direitos que conquistamos e ainda lutar por mais direitos (Maria Aparecida, em entrevista à autora, 2019).

Menina, uma cidade ideal é... eu digo que se você precisa saber como vivem as pessoas de uma cidade você tem que **olhar para as mulheres**, né? Pra mim, uma cidade ideal é onde as mulheres tenham **qualidade de vida, tenham acesso ao serviço, acesso à educação, saúde de qualidade pra seus filhos** e para ela e que tenha até como passear. Tenham **parque**, tenham **espaço de lazer**, tenham **acessibilidade de andar com os seus bebês no asfalto**, que tenham **todos os serviços no sentido amplo**, que ela não precise sair do seu bairro, que o mesmo seja estruturado, que tenha saneamento básico que é saúde, né? Que tenha **habitação digna** e que não precise pensar em habitação fora do padrão. **Acesso a água potável de boa qualidade, energia barata**, que tenha lazer. Isso porque pensam que pobre não tem direito à lazer, e lazer é **teatro**, é poder ir ao **cinema**, é poder **ir à praia com segurança e voltar**, é ter **circo, passear na cidade que tenha muito verde**, muita vegetação, muita **fatura**, fatura no bom sentido, de que seja **boa para os olhos** [...] como Caetano diz: “A gente não quer só bebida, a gente quer bebida, comida, diversão e arte”. Aonde a gente possa viver com todo o nosso potencial né. Ter direito a **esporte** para que os **nossos filhos possam correr na rua sem medo de uma bala perdida**, né. E eu acho que isso não é muito e é possível. Tranquilamente possível. [...] Para mim, só é possível **sem racismo, sexismo, homofobia...** Tudo é possível quando você consegue descolonizar, desconstruir um padrão instituído de forma centenária, quem sabe milenar... de que nós não somos, porque não existe coisa mais cruel saber que para o outro você não é, né? Acho que isso é nos tirar a humanidade. O racismo desumaniza o ser humano, mas eu acho que não é impossível. É urgente, é necessário e é possível fazer (Vanda, em entrevista à autora, 2019).

4. DISCUSSÃO, RESULTADOS CONSIDERAÇÕES FINAIS

As dinâmicas urbanas vivenciadas diariamente pelas mulheres negras são extremamente singulares.

Por não serem nem brancas, nem homens, as mulheres negras ocupam uma posição muito difícil na sociedade supremacista branca. Nós representamos uma espécie de carência dupla, uma dupla alteridade, já que somos a antítese de ambos, branquitude e masculinidade. Nesse esquema, a mulher negra só pode ser o outro, e nunca si mesma (KILOMBA, apud, RIBEIRO, 2016, p.102).

Nesse sentido é urgente e necessário que possamos subverter as lógicas impostas e partir do que tem dito essas mulheres. Que elas sejam, efetivamente, atuantes e agentes ativos e, mais do que isso, enquanto maioria populacional, protagonistas de uma possível revolução no planejamento tal qual ele se faz, uma vez, que este comumente reproduz e reforça o citado pensamento supremacista branco tendo em vista a subrepresentatividade negra e os tantos percalços que impedem a mudança desse quadro. Cabe, então, àquelas e àqueles que ocupam esses espaços de poder compreender a urgência de mudança nas próprias ferramentas utilizadas para planejar as cidades.

Destacados nos fragmentos apresentados, é possível notar nas falas das entrevistadas diversos caminhos e elementos que, de acordo com sua experiência de cidade, tornariam suas dinâmicas diárias mais agradáveis melhorando, conseqüentemente, sua qualidade de vida. Partindo do imaginário de uma cidade que, primeiramente, é tida como ideal, são evidenciadas diversas possibilidades de ações exequíveis que, na prática, demonstram uma possibilidade de cidade democrática e acessível, onde a pluralidade é atendida em todas as especificidades que demanda o bem viver de um grupo social.

As palavras em destaque ao longo das falas dizem muito sobre os anseios e necessidades dessas mulheres que transmitem, também, as narrativas de vivências de tantas outras pessoas, pertencentes a uma parcela que não só é significativa na sociedade maceioense, como também, majoritária e que, no entanto, ainda vê suas necessidades serem negligenciadas pelo poder público no que diz respeito à produção urbana e políticas públicas que visem a equidade racial e de gênero. Necessidades essas que em muitos casos referem-se, inclusive, a questões minimamente essenciais e básicas de infraestrutura.

Portanto, há grande potencialidade nessas narrativas reais de quem vivencia a cidade da maneira como a maior parte da população o faz. É extremamente importante que possamos passar a compreender, efetivamente, o que é apresentado e partir desses mesmos dizeres para pensar estratégias viáveis. Ademais, é válido destacar que ao compreendermos as vivências das mulheres negras, sobre as quais incidem, ao menos, opressões de raça e gênero, estão contempladas, conseqüentemente, necessidades da população negra que, no

contexto brasileiro, ocupa as classes sociais menos favorecidas economicamente, e mulheres como um todo nos permitindo, de fato, concluir que, só é possível uma cidade ideal, plenamente satisfatória e agradável à vida quando, para além de serem incluídas essas demandas no ato de pensar as cidades, sejam elas também o partido desse mesmo ato.

REFERÊNCIAS

GARCIA, Julia. **A cor dessa cidade sou eu?** A mulher negra na cidade, Salvador – BA. Disponível em: <<http://sengeba.org.br/artigo-a-cor-dessa-cidade-sou-eu-a-mulher-negra-na-cidade/>>. Acesso em: 12 ago 2019.

LUNA, Lenilda. **Quebra do Xangô:** pesquisadores avaliam a intolerância religiosa. Universidade Federal De Alagoas, 2011. Disponível em: <<https://ufal.br/ufal/noticias/2012/01/quebra-do-xango-pesquisadores-avaliam-a-intolerancia-religiosa>>. Acesso em: 10 ago 2019.

MANEO, Adriano; AMÂNCIO Thiago (Eds). Desigualdade no Brasil. **Revista da Folha:** Jornal Folha de São Paulo, jun 2015. Disponível em: <<http://temas.folha.uol.com.br/desigualdade-no-brasil/negros/com-metade-da-populacao-negros-sao-so-18-em-cargos-de-destaque-no-brasil.shtml>>. Acesso em: 23 jul 2019.

MARICATO, Ermínia. MetrÓpole, legislação e desigualdade. **Estudos avançados**, São Paulo, p. 2, 2003. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ea/v17n48/v17n48a13.pdf>>. Acesso em: 28 jul 2019.

MOASSAB, Andreia; BERTH, Joice; HOSHINO, Thiago. **As marcas urbanas da violência colonial.** Gazeta do Povo, 13 Maio 2016. Disponível em: <<https://www.gazetadopovo.com.br/vida-e-cidadania/futuro-das-cidades/as-marcas-urbanas-da-violencia-colonial-315mu8r6rx71knazvr9kk5d8m/>>. Acesso em: 25 set 2018.

RIBEIRO, Djamila. Feminismo negro para um novo marco regulatório. **Revista Internacional de Direitos Humanos**, v. 13, n. 24, 2016. Disponível em: <<https://sur.conectas.org/wp-content/uploads/2017/02/9-sur-24-por-djamila-ribeiro.pdf>>. Acesso em: 15 ago 2019.

TRUTH, Sojourner. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/sojourner-truth/>>. Acesso em: 10 ago 2018.